

Considerações Finais

Li, certa vez³⁷, que ao se realizar a conclusão de um trabalho, nada de novo precisa ser apresentado. As ideias principais, os conceitos fundamentais, as teorias organizadoras devem aparecer ao longo do texto; na conclusão caberia apenas um pouco de “mais do mesmo”. Neste caso, nada mais do que verdade.

Quando comecei este trabalho, muitas ideias não estavam completamente claras. “Eu só não sei como você vai fazer isso”, foi o que ela me disse. Na época, considerei como um sinal de esperança. “Minha ideia está começando a fazer sentido”, pensei. Após tantas reformulações e negociações sobre como iria conduzir o trabalho, finalmente havia chegado a um ponto (aparentemente) satisfatório para mim e minha orientadora. “Só vou saber, quando você escrever”, arrebatou. Não podia ser tão simples, na verdade.

Assim, me vi diante do papel em branco – e por “papel” subentende-se “tela do computador”. E mesmo agora, após tantas palavras entre o branco e a “conclusão” do trabalho, parece que muito ficou de fora. Talvez, apenas a incerteza de ter conseguido mostrar (ou não) como eu iria “fazer isso”. Por isso, apenas chamo de “considerações finais”; uma “conclusão” seria declarar que há certezas no caminho percorrido. Parece-me apropriado terminar com a maneira que tudo começou.

Quando iniciei o presente trabalho, tinha em mente os fatores que influenciaram na emergência da psicologia como uma disciplina independente. Com isso, constantemente me via encontrando similaridades entre a pretensão de uma psicologia científica, que, como vimos, remete a um conjunto de práticas e discursos presentes no século XIX, tomando o sujeito como seu objeto científico, visto como uma extensão da natureza e a neurociência, que toma um caminho inverso: toma o cérebro (objeto da natureza) como alvo de estudo e o vê como

³⁷ Por “uma vez” significa que não me recordo nem onde e nem a fonte. Consequentemente, não há embasamento nenhum para a afirmação; é apenas uma opinião compartilhada.

aquilo que contém o sujeito. Em outras palavras, enquanto a psicologia via o sujeito como aquele que contém uma expressão da natureza, a neurociência vai ver o cérebro, como aquilo que contém o sujeito em si.

Entretanto, afirmar apenas que ambos os campos tomam objetos parecidos de perspectivas diferentes seria simplista demais. Há algo específico nesse cérebro que a neurociência trata, que não se encontra presente no sujeito cindido de uma psicologia fragmentada. Ao mesmo tempo, há mais psicologias, do que apenas uma que se pretende científica. Consequentemente, pensar nas relações entre psicologia e neurociência exigiria uma reflexão mais profunda de cada um destes elementos: o cérebro, a neurociência e a psicologia em si.

Vimos que falar do cérebro possui um valor que ultrapassa o próprio conhecimento do cérebro. É a partir dele que nos identificamos. Neste sentido, o cérebro não é apenas o alvo de estudo em relação às patologias mentais e neurológicas. Afinal, as relações entre o funcionamento cerebral e as funções mentais remetem a períodos antigos, antes mesmo de uma neuro-alguma-coisa³⁸. Há algo, atualmente, que permite ao cérebro se constituir como uma figura emergente, denominador comum dos fenômenos mentais, sociais, antropológicos, e como aquilo que nos define como pessoa.

Ao tomarmos o cérebro não mais como um objeto ou como um sujeito, mas tanto como uma construção que ganha sua autonomia, conseguimos entender o poder desse fe(i)tiche que é o cérebro. E com isso, a força do discurso neurocientífico se revela. A neurociência não apresenta uma singularidade por seu método exclusivo ao tratar de um objeto especial. É por ser capaz de articular tantos actantes ao mesmo tempo, que a neurociência se legitima.

Ao tomarmos o cérebro como uma caixa-preta que a neurociência utiliza, mais claro fica a força que o discurso neurocientífico toma. Justamente por ter “muito ainda a se conhecer sobre o funcionamento deste órgão”, que a neurociência circula na rede, agenciando outros atores, produzindo interesse. Ao mesmo tempo, mais aliados são convocados, que passam a fala em nome da neurociência e se encontram autorizado a afirmar uma série de certezas que isoladamente não seriam capazes.

³⁸ Ver Castro e Landeira-Fernandez, 2010; 2011.

Inevitavelmente, a psicologia vai se apresentar nessa rede. Afinal, agora é possível para ela tomar o sujeito como aquele que contém uma expressão da natureza, ao mesmo tempo que lida com essa natureza da compartimentada em um pequeno fe(i)tiche. Seu discurso se legitima e, assim como outros campos, a psicologia é capaz de afirmar suas certezas que isoladamente não estava sendo capaz de fazer. Como dito inicialmente, a ideia do presente trabalho é simples: interessa à psicologia se articular com a neurociência, mesmo que essa relação provoque a emergência de um sujeito cerebral.

Não cabe aqui apresentar alternativas, críticas ou ressalvas em relação a esse efeito. Ao mesmo tempo, foge ao escopo da argumentação prever o desenrolar dessa relação entre psicologia e neurociência. Acompanhar as redes que são articuladas já exige bastante cuidado. Além disso, por ser psicólogo, falo dessa relação entre a neurociência e a psicologia. Entretanto, poderia me referir a qualquer outra área que se aproprie do discurso neurocientífico: usamos o “neuro” para legitimar aquilo que é dito. Não é de se estranhar tantos “cérebros” em nosso dia-a-dia.

Ao tentar seguir as redes de atores que se ligam nessa intrincada relação, indaguei se não seria o neurocientista como um espião atrás de marcas invisíveis em todos os papéis em branco. Sem nunca realizar aquilo que se propõe, tentando atingir algo que ora é objeto, ora é sujeito. Nessa busca, talvez eu seja o próprio espião, revelando entendimentos de uma relação que se definiu em mim mesmo e escondendo mensagens através de marcas invisíveis em meu próprio trabalho.